



# 8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:  
do saber acadêmico à prática social"

Realização:  
**unesp**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
**PROEX**  
PROGRAMA DE EXTENSÃO CURRICULAR

## Promoção de saúde do trabalhador em empreendimentos de economia solidária.

Matheus Fernandes de Castro, Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras, Psicologia, castro.mf@hotmail.com, Coordenador de Projeto de Extensão PROEX, Andréa Bianca Gonzalo, Assis, Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, biancahr@hotmail.com, bolsa PROEX, Patricia de Sousa, Assis, Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, pathi.sousa@hotmail.com, bolsa BAAE I, Ruchelli Stanzani Ercolano, Assis, Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, ruchelliercolano@hotmail.com, bolsa FAPESP

### Resumo

O presente artigo é resultado do Projeto de Extensão “Promoção de saúde do trabalhador em empreendimentos de economia solidária”, bem como, do estágio curricular profissionalizante em saúde do trabalhador do curso de Psicologia da Unesp/FCL – Assis em cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis. O objetivo central deste artigo consiste em compreender a questão da saúde do trabalhador em cooperativas solidárias de catadores de materiais recicláveis. Para isso, tentamos estabelecer uma convivência com esses trabalhadores, registrando todos os dados coletados em um Diário de Campo.

**Palavras Chave:** cooperativas, saúde do trabalhador, catadores.

**Abstract:** This article is a result from the

### Introdução

O presente artigo é proveniente do Projeto de Extensão “Promoção de saúde do trabalhador em empreendimentos de economia solidária” e da intervenção de estágio curricular profissionalizante em saúde do trabalhador do curso de Psicologia da Unesp/FCL – Assis em cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis. São empreendimentos baseados nos princípios da economia solidária e da autogestão.

Este trabalho tem suas práticas fundamentadas no método etnográfico e na pesquisa ação. O primeiro busca a descrição da realidade para se chegar a uma compreensão mais profunda dos grupos e

intervention of the extension project “Promotion of workers’ health in solidarity economy enterprises”, as well as the professionalizing curricular internship in workers’ health from the Psychology course at Unesp/FCL – Assis, in waste pickers’ cooperatives and associations. These are projects based on the principles of solidarity economy and self-management. In this study, we will deal with issues and questions that arose over the visits to groups which pertain to the solidarity economy, cooperatives and labor associations. The main objective of this article is to understand the issue of workers’ health in waste pickers’ solidarity cooperatives. To accomplish that, we tried to establish a coexistence with these workers, registering all data collected in a field journal.

**Keywords:** cooperatives, workers’ health, waste pickers.

comunidades, tentando desvelar sua cultura, ou melhor, a teia de significados que constitui o ambiente onde o pesquisador se encontra inserido. A pesquisa ação propõe uma ação que modifique a realidade atual em que o pesquisador e os sujeitos se unem para alcançar tal objetivo. Portanto, estes métodos não só se complementam como possibilitam a observação e a coleta de dados, tendo em vista a compreensão do ambiente e a promoção de mudança no ambiente, envolvendo todos os participantes no processo para atingir a sua finalidade. Assim, temos o intuito de fazer com que os participantes, extensionistas e catadores, reflitam sobre o seu trabalho de modo a não



# 8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:  
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX  
PROFESSORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

realizarem mais uma atividade alienante (NEVES, 2006).

A economia solidária surgiu em um contexto em que o capitalismo estava em crise devido aos modos de produção que visavam unicamente o lucro sem considerar como o homem estava sendo afetado por eles (SINGER, 2002; 2008). Neste cenário predominava a competição, o individualismo, produção em larga escala, divisão de classes socioeconômicas, trabalho assalariado, entre outros aspectos.

Especificamente, o que acentuou este capitalismo "selvagem" ao longo de nossa história, foram os modos de produção taylorista, fordista e toyotista. De acordo com Buzzo (2008), os dois primeiros modelos tinham o intuito de produzir em massa em menor tempo, de modo a aumentar o ritmo de produção e construir grandes estoques. No taylorismo o operário possuía uma função específica, no entanto, ele podia se movimentar na fábrica para realizar seu trabalho. Já no fordismo, com o advento da linha de produção, foi possível otimizar o trabalho mantendo o trabalhador restrito a um espaço determinado, pois ele não mais se deslocava até o produto, uma vez que esse vinha até ele por meio de uma esteira, o que deixava o seu trabalho ainda mais mecanizado e alienado. O Toyotismo, dentre suas diversas inovações trouxe o *just in time*, um tipo de produção que pauta o seu ritmo na demanda do mercado, ou seja, elimina-se o estoque e somente se produz o que se vende. Além disso, neste sistema um mesmo trabalhador realizava diversas funções, diferentemente dos anteriores, o que levou ao aumento do desemprego e a um maior nível de exigência sobre um único operário.

Com o aumento do desemprego e da exigência de qualificação para inserção no mercado de trabalho formal, as pessoas precisaram recorrer a outras

alternativas a fim de garantirem sua subsistência. Dessa forma, surgiu o setor de trabalho informal que é caracterizado pela ausência de registro na carteira de trabalho, de modo a não possuir uma organização rígida e fixa de produção e a não garantia dos direitos previstos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Os profissionais inseridos no mercado informal podem até possuir, por vezes, maior autonomia no que tange à organização do seu trabalho, não estando subordinados a ordens patronais, no entanto, sofrem com a precariedade dos trabalhos informais no país: péssimas condições de trabalho, alto índice de acidentes, rendas pequenas, entre tantas outras características.

Na sociedade atual, constata-se não somente a coexistência, mas também o entrelaçamento entre mercado formal e informal. Sendo assim, o conceito de informalidade criado por Malaguti (2000, *apud* ALVES; TAVARES, 2006) vem para compreender toda essa complexidade de relações de trabalho, dentre elas os trabalhadores informais tradicionais, os trabalhadores assalariados sem registro e os trabalhadores por conta própria.

Na primeira categoria acima referida, os trabalhadores informais tradicionais são aqueles que utilizam seu faturamento para subsistência, com a possibilidade de ajuda de familiares ou outros trabalhadores. Como não existe uma jornada de trabalho estabelecida formalmente, muitas vezes esses trabalhadores se sobrecarregam, por utilizarem o tempo livre para otimizar seu trabalho (ALVES; TAVARES, 2006).

Já no segundo grupo, os trabalhadores assalariados sem registro, encontram-se aqueles que trabalham sem registros em carteira, o que restringe o acesso do trabalhador aos seus direitos e benefícios trabalhistas de modo a dar margem para as empresas se isentarem das responsabilidades para



# 8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:  
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX  
PROGAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

com o trabalhador, flexibilizando e precarizando assim o seu trabalho (Idem).

Por fim, na última classe, os trabalhadores por conta própria, estão inseridos aqueles que tem um pequeno negócio de ramo não atrativo a investimentos, prestando serviços para grandes organizações, sendo essa uma forma de manutenção no mercado e subsistência. As empresas terceirizadas e as cooperativas estão inseridas nesta classe. (Idem)

Dentro da informalidade encontra-se como alternativa a economia solidária. Ela busca auto-sustentabilidade, participação e cooperação entre os membros. A solidariedade exercida na economia acontece através da associação igualitária dos que se sujeitam a produzir, comercializar, consumir, poupar, além de se conectarem não só a produção, mas também a recriação da vida em sociedade e da boa convivência humana. Portanto, a economia solidária pode ser considerada responsável pela tentativa de inserir novamente pessoas excluídas em um ambiente social e de trabalho, onde vão surgir novas oportunidades e aprendizados baseados na relação de um indivíduo com o outro.

Paul Singer (2002 e 2008) define a economia solidária por um modo de produção que difere do modo capitalista por possuir a igualdade como princípio básico. Esta igualdade prevê a associação entre trabalhadores, a equidade de direitos como a parcela igualitária do capital e o voto em decisões, de forma a garantir a democracia pressuposta pela autogestão.

Na autogestão os cooperados administram democraticamente o empreendimento solidário. Não há, portanto, uma hierarquização das relações, todos os trabalhadores possuem os mesmos direitos e deveres. Cabe ressaltar que nas cooperativas de grande porte é necessária a divisão

de certas funções específicas, mas não se deve perder de vistas o princípio da equidade.

Outra característica do empreendimento solidário autogerido é que a organização e o ritmo de trabalho são definidos deliberativamente pelos próprios cooperados de modo a evitar jornadas de trabalho excessivas e ritmo de trabalho desumanizado. Ademais, diferentemente das empresas capitalistas que estimulam a competição, nas cooperativas solidárias devem predominar um ambiente de cumplicidade e união.

Contudo estes empreendimentos solidários vivem imersos dentro de uma sociedade que não é solidária e nem leva a produção de autonomia. Este modelo social e econômico, que rivaliza com os princípios da economia solidária, acabam por invadir os empreendimentos, quando não se tem muita clareza e implicação para a manutenção desta busca alternativa. Desta forma, fomos aos empreendimentos para observar, compreender e tentar encontrar possibilidades de fortalecer os objetivos dos que buscam desenvolver a solidariedade, o cooperativismo e a autogestão, principalmente no que tange aos impactos do trabalho na saúde dos trabalhadores.

Ao refletirmos sobre isso, ou seja, sobre uma possibilidade de enfraquecimento da autogestão e da solidariedade, somos levados a ampliar nossas indagações sobre as possibilidades da economia solidária, bem como, as consequências disso para a saúde dos trabalhadores envolvidos, já que não participar da organização e do planejamento do próprio trabalho é um dos principais fatores que podem levar ao adoecimento psíquico no trabalho.

Ao abordar o conceito de saúde, a OMS a define como "situação de perfeito bem-estar físico, mental e social". No entanto, tal conceito é muito abrangente o que dá margem a diversas interpretações, uma vez que a perfeição é algo



# 8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:  
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX  
PROGAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

relativo. Para a OMS a saúde é algo estático em que o sujeito sempre deve estar bem para ser saudável, enquanto para outros autores a saúde corresponde a um processo dinâmico em que o indivíduo pode variar entre o bem-estar e o mal-estar e continuar saudável.

Nessa perspectiva, outros autores como Canguilhem (1999 *apud* COELHO; ALMEIDA FILHO) apresentam o termo "saúde" como o processo de estar bem e, ao ser afetado por uma situação adversa que abale seu equilíbrio ter a capacidade de se recuperar e retornar seu estado anterior à adversidade, ou seja, é a possibilidade do indivíduo ser resiliente. Dejours (1986) fala da possibilidade de ter a liberdade de buscar meios para atingir seu bem-estar, colocando o indivíduo como um sujeito ativo na construção de sua saúde e do seu bem estar. Ademais, pode-se encontrar relação entre saúde e trabalho, pois esse constitui a subjetividade do indivíduo de modo a atualmente o sujeito se identificar com sua atividade se definindo por ela. Assim, o homem passou a se identificar e ser reconhecido socialmente pelo seu trabalho. Em nossa sociedade o trabalho ocupa um lugar central em nossas vidas, o que o leva a interferir em diversas esferas da mesma. De acordo com Dejours (1986, p. 06):

Bem-estar psíquico, em nosso entender, é, simplesmente, a liberdade que é deixada ao desejo de cada um na organização da sua vida. E por bem-estar social, cremos que aí também se deve entender a liberdade, é a liberdade de se agir individual e coletivamente sobre a organização do trabalho, ou seja, sobre o conteúdo do trabalho, a divisão das tarefas, a divisão dos homens e as relações que mantêm entre si.

Portanto, para Dejours saúde do trabalhador está relacionada ao fato do trabalhador ter uma ação

participativa e consciente da organização e realização das suas tarefas e, não uma atividade alienante. Dessa maneira, compreende-se que à medida que o sujeito exerce seu trabalho de forma mais alienada, maior é a possibilidade dele adoecer por conta de sua profissão.

## Objetivos

O objetivo deste artigo consiste em compreender a questão da saúde do trabalhador em cooperativas solidárias de catadores de materiais recicláveis.

## Material e Métodos

O projeto de extensão é composto por um Coordenador e uma bolsista e o estágio é formado por um docente e nove alunos do 4º e 5º ano do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, que são voluntários do referido projeto. Os integrantes são divididos em três duplas e um trio. Cada grupo acompanha o trabalho de uma cooperativa de catadores de material reciclável da região. Os acompanhamentos são feitos semanalmente e relatados em supervisão semanal. Nas cooperativas são feitas rodas de conversa para debater o tema "Saúde do Trabalhador". Esses debates duram em torno de 40 minutos, quando não se é possível fazê-los, os alunos apenas observam o trabalho dos cooperados e, por vezes, ajudam a realizar as atividades de trabalho.

Somando-se a isso, cada empreendimento fica responsável por tirar fotografias de seu dia-a-dia: coleta, material coletado, material e instrumentos de trabalho, possíveis acidentes no trabalho, triagem, entre outros. Essas fotografias deveriam servir como precipitadoras de reflexões e discussões que possibilitassem uma análise do grupo sobre sua realidade. Em um segundo momento, são criadas fan pages, onde essas imagens são publicadas para compartilhar com os demais grupos de



# 8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:  
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX  
PROFESSORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

trabalhadores os problemas, bem como as soluções encontradas para saná-los. Além disso, esperamos que essas divulgações sirvam para conscientizar a população em geral sobre a importância deste trabalho para nossa sociedade, não só pelo seu objetivo, mas também, pela forma como ele é gestado.

As cooperativas e associações visitadas foram: COOPASCAM – Maracá/SP; ASQUARE – Quatá/SP; RECICAM – Cândido Mota/SP e a ACIPAL – Palmital/SP. Entretanto, dar-se-á enfoque no trabalho feito na COOPASCAM.

## Resultados e Discussão

Durante seis meses a bolsista, juntamente com duas voluntárias do projeto, vinculadas ao estágio supracitado, visitavam a COOPASCAM semanalmente para discutir questões referentes à saúde do trabalhador neste empreendimento. Este contava com cerca de 22 mulheres que se dividiam e se revezavam no cumprimento das funções exercidas no local. Ou seja, em dias de coleta, por exemplo, todas participavam, entretanto, quando o trabalho se restringia à realização de atividades dentro do espaço da cooperativa, a maior parte delas ficava na triagem, outras separavam os begs; havia ainda as que ficavam na prensa e na cozinha. Contavam, também, com uma líder que era encarregada de cuidar de toda a burocracia da parte administrativa do empreendimento. A lógica dessa organização do trabalho foi construída por estas trabalhadoras, ao longo de muitos anos, o que, em tese deveria contribuir para o desenvolvimento da solidariedade e da autogestão. Não se pode negar que a construção desta organização tenha sido efetivada por estas pessoas, no entanto, observou-se que nem sempre isso se revela em observância ao pleno exercício dos princípios buscados. Muitas vezes as cooperadas reclamavam de certa

dificuldade para participar de todas as decisões que eram tomadas sobre a organização diária de suas atividades. No entanto, em outros momentos, também constatou-se que algumas destas trabalhadoras preferiam, voluntariamente, não participar da organização e da gestão da cooperativa. Não foi raro escutamos dos membros da diretoria que faltava comprometimento dos demais trabalhadores quanto à gestão e ao planejamento da cooperativa.

No começo do nosso trabalho junto a estas pessoas eram feitas rodas de conversa, na qual as cooperadas relatavam as dificuldades que passavam diariamente, os acidentes ocorridos e, principalmente, sobre o PPRA (Programa de Prevenção de Riscos Ambientais) que estava sendo implementado. Havia aproximadamente um ano que a cooperativa aderira a esse programa e, ainda assim, surgiam dúvidas para sua implementação. Mesmo assim, em alguns encontros as cooperadas não podiam parar o trabalho para fazer as reuniões, então, as conversas e as observações aconteciam durante a realização das atividades de trabalho das cooperadas. Nem sempre elas estavam dispostas a discutir as questões pertinentes a saúde do trabalhador e tudo o que isso envolvia de comprometimento por parte delas. Algumas vezes nos cobravam soluções para os problemas que enfrentavam e não se dispunham a discutir e refletir possibilidades de resolução para os problemas: frequentemente tínhamos a impressão de que esperavam que resolvêssemos os problemas por elas.

Com pouca frequência utilizaram a câmera fotográfica como ferramenta para registrar o cotidiano. Como a câmera ficava sob responsabilidade das cooperadas, estas podiam fotografar suas próprias atividades mesmo quando



# 8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:  
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX  
PROFESSORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

não havia nenhuma aluna presente, como por exemplo, em dia de coleta.

Parte dos registros fotográficos serviram para fomentar nossas discussões com o grupo e alguns deles foram compartilhados na internet em uma fan page do empreendimento.

Ao longo do tempo, as rodas de conversa foram diminuindo e dando espaço às observações. O grupo já não podia mais suspender o trabalho devido ao acúmulo de material que precisava ser triado. Com a redução das reuniões, foi decidido, em comum acordo, pelo término do trabalho feito pelas estagiárias na COOPASCAM.

## Conclusões

Ao analisarmos nossos resultados podemos tecer alguns comentários mais como uma reflexão final do que como uma conclusão. Ao confrontarmos dados teóricos com empíricos, notamos, a partir de visitas em duas cooperativas de catadores de materiais recicláveis do centro-oeste paulista, que os princípios da economia solidária e da autogestão – que precisam de envolvimento consciente, participativo e responsável de todos os associados – não se encontravam plenamente difundidos e vivenciados pelos trabalhadores. Ademais, em alguns desses empreendimentos, segundo os próprios trabalhadores, houve uma separação do trabalho onde alguns se responsabilizaram pelas questões administrativas e econômicas, enquanto outros pelo trabalho produtivo. Ou seja, enquanto coube a alguns organizar e planejar o trabalho, a outros coube o trabalho propriamente dito. No entanto, estes trabalhadores, apesar das dificuldades de atingir seus objetivos iniciais e de manter a busca pelos princípios da economia solidária e do cooperativismo, mantem-se juntos e trabalhando em propriedade coletiva dos meios de produção, gerando trabalho e renda para eles e

para os novos membros que são integrados dentro destes empreendimentos. Muitos desses novos membros não são suficientemente informados sobre as peculiaridades de pertencer a uma cooperativa inserida nos princípios da economia solidária, esboçando apenas um conhecimento rudimentar sobre tal fato e, muitas vezes, sobre a história dos trabalhadores que o precederam. Desta forma se faz necessário, ainda, a manutenção da incubação destes grupos e do apoio de iniciativas que contribuam para manter a possibilidade de se tentar buscar os princípios fundamentais do cooperativismo e da economia solidária, que quando efetivos, contribuem para a diminuição dos problemas relacionados a saúde do trabalhador. Então podemos dizer que existem problemas de saúde na relação destas pessoas com o trabalho, mas esses problemas não podem ser comparados efetivamente aos que acometem os trabalhadores dentro do sistema capitalista tradicional de produção. Podemos dizer, ainda, que o caminho para a solução dos mesmos, também não obedecem a mesma lógica, pois a contradição da heterogestão e da autogestão é algo muito presente no cotidiano destes trabalhadores, mesmo que isso em alguns momentos possa parecer muito confuso aos olhos dos estrangeiros.

## Agradecimentos

Agradecemos aos trabalhadores que nos receberam em seus empreendimentos e a PROEX pelo apoio a nossa iniciativa.

ALVES, M.A.; TAVARES, M.A. A dupla face da informalidade do trabalho: "autonomia" ou precarização. In: ANTUNES, R. Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Bomtempo, 2006, p. 425-444.  
BUZZO, M. G. Os professores diante de um novo trabalho com a leitura: modos de fazer semelhantes ou diferentes? Tese de doutorado em Língua Aplicada e Estudos da Linguagem: Pontifícia Universidade Católica - PUC, São Paulo: 2008.  
COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, June 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311999000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311999000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 mar. 2015.



# 8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:  
do saber acadêmico à prática social"

Realização:



DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, n. 54, v. 14, abr/mai/jun, 1986. In: Reunião do COREP e Seminário de Formação em Saúde, 2010, p. 1-6. Disponível em:  
<[https://corepsp.files.wordpress.com/2010/05/apostila\\_formacao\\_saude\\_corep.pdf](https://corepsp.files.wordpress.com/2010/05/apostila_formacao_saude_corep.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2015.

SINGER, P. Introdução a economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

WISNER, A. A inteligência no trabalho: textos selecionados de ergonomia. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: FUNDACENTRO, 1994